

Identidades e símbolos construídos na geopolítica do futebol: o caso do Operário Ferroviário de Ponta Grossa-PR¹

Edvanderson Ramalho dos Santos *

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Leonel Brizolla Monastirsky **

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo: A pesquisa tem como temática analisar os complexos enredos entre futebol, cultura, produção do espaço e a constituição de identidades. Seu objetivo é investigar a representatividade do Operário Ferroviário Esporte Clube perante a cidade de Ponta Grossa PR. A pergunta a ser respondida é: Como se constroem as identidades e símbolos na geopolítica do futebol em torno do Operário? A metodologia de pesquisa englobou aplicação de questionários; entrevistas semiestruturadas; coleta de dados em sites de relacionamentos sociais e web sites em geral; observações no estádio do clube; pesquisa bibliográfica. A pesquisa constatou que o Operário está imerso num simbolismo profundo, sendo um elemento que auxilia na construção da identidade do modo de ser pontagrossense, pois: a) é uma construção histórica e simbólica; b) é uma herança das ferrovias em Ponta Grossa; c) possui diversas manifestações culturais peculiares intrínsecas a ele; d) é um importante elemento na dinâmica espacial da cidade atualmente.

Palavras-chave: Geografia Cultural, Identidade, Futebol, Cidade.

Abstract: The research has as thematic to analyze the complex storylines between soccer, culture, production of space and the shaping of identities. The objective is to investigate the representative of the Operário Ferroviário Esporte Clube before the Ponta Grossa-PR city. The question to be answered is: How are constructed the identities and symbols in the geopolitics of soccer around Operário? The study methodology involved application of questionnaires; semi-structured interviews; collection of information on sites of social relationships and websites in general; observations in the club stadium; bibliographic research. The examination evidenced that the Operário is immersed in a profound symbolism, being an element that helps in the construction of the identity of the way to be “pontagrossense”, because: a) is a historical construction and symbolic; b) is a heritage of railroads in Ponta Grossa; c) has various cultural manifestations particular intrinsic to it; d) is an important element in spatial dynamics of the city nowadays.

Key-Words: Cultural Geography, Identity, Soccer, City.

* Edvanderson Ramalho dos Santos. Licenciado em Geografia e mestrando do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Endereço para correspondência: eddieuepg@hotmail.com, telefone: (42) 9936 8740. Endereço residencial: Rua Codorna, número 528, bairro Colônia Dona Luíza. CEP: 84043-180, Ponta Grossa-PR.

** Leonel Brizolla Monastirsky. Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor adjunto da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR.

Introdução

Este trabalho apresenta investigação sobre a representatividade de um clube de futebol, o Operário Ferroviário Esporte Clube, perante uma determinada sociedade – a cidade de Ponta Grossa-PR. Assim, pretende-se analisar os complexos enredos entre futebol, produção do espaço, cultura e a constituição de identidades.

A pergunta a ser respondida é: Como se constroem as identidades e símbolos na geopolítica do futebol em torno do Operário Ferroviário? A hipótese é que as identidades constituídas em torno do Operário se devem a quatro premissas básicas: a) Pelo Operário, oficialmente fundado em 1912, ser uma construção histórica e simbólica, estando presente no cotidiano do cidadão pontagrossense por mais de cem anos; b) Pelo Operário ser uma herança das ferrovias em Ponta Grossa e ainda possuir diversos elementos que lembram o trabalhador ferroviário e as ferrovias em geral; c) Pelo Operário possuir diversas manifestações culturais peculiares intrínsecas a ele; d) E finalmente, pelo fato do Operário ser o clube de futebol representante da cidade perante o Paraná e o Brasil.

O Operário Ferroviário localiza-se na cidade de Ponta Grossa-PR. Essa cidade, que também é conhecida como “a Princesa dos Campos Gerais”, situa-se no centro-sul do estado do Paraná, distante 100 km da capital Curitiba. Fundada em 1875, teve sua origem por conta da atividade tropeira na região. Posteriormente, seu crescimento se deu devido à atividade econômica da erva-mate. Mas seu grande “boom” econômico, social e cultural sucedeu-se com a chegada das ferrovias na cidade, no final do século XIX (MONASTIRSKY, 2006). Atualmente, Ponta Grossa se configura como um importante centro comercial e agroindustrial do estado do Paraná, sendo a 4º maior cidade em número de habitantes e o 6º maior PIB nominal do estado do Paraná (IBGE, 2010).

Este artigo está estruturado em três momentos. No primeiro, apresenta-se o referencial teórico-metodológico que embasa a análise do Operário Ferroviário como constituinte de

identidades e simbolismos na geopolítica do futebol. Nele, se discutem as premissas teóricas da nova abordagem cultural em Geografia e a relevância social do futebol, relacionando-o com as ferrovias. Já no segundo mostram-se os procedimentos metodológicos da pesquisa. Por fim, no terceiro momento, se apresentam os resultados de pesquisa que podem apontar o Operário como um importante elemento que auxilia na construção da identidade do ser pontagrossense.

É importante salientar que esta pesquisa não pretende defender a especificidade da cidade de Ponta Grossa de ter um time de futebol que a represente e seja recheado de simbolismos. Têm-se vários exemplos de clubes de futebol que representam povos ou até nações e o Operário não é exceção nesse quadro. Porém, visa-se com a presente investigação atentar para uma dimensão muitas vezes ignorada quando se efetuam análises sobre a realidade urbana, social e cultural das cidades (CAMPOS, 2008). Assim, através da análise local espera-se contribuir com uma discussão global sobre a questão, evidenciando a força que uma equipe de futebol pode ocasionar em determinados territórios e espacialidades urbanas, contribuindo para dar sentido a estas e potencializando a união de seus habitantes por ela. Isso advém a partir do momento em que eles se sentem pertencentes a um mesmo conjunto cultural, através da história e da representatividade que determinado elemento identitário – no nosso caso o Operário – pode proporcionar (SANT’ANA, 2000).

1. A nova abordagem cultural em Geografia, identidades e o espaço de representação do Operário Ferroviário

Para (re) conhecer o Operário como um elemento identitário e objeto de festas e manifestações populares no espaço urbano da cidade de Ponta Grossa, esse estudo fundamenta-se na nova abordagem cultural em Geografia (CLAVAL, 2002). Esta procura compreender o espaço a partir da dimensão cultural e as espacialidades geradas por tal

dimensão (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003). Assim, esta nova abordagem cultural procura analisar o espaço geográfico tanto do ponto de vista da materialidade quanto de seus elementos intangíveis, procurando compreender o sentido que as pessoas dão a sua existência e aos seus espaços de vivência em diferentes partes do planeta (CLAVAL, 2002).

Isto permite, por exemplo, a análise de manifestações e festas populares (CORRÊA, 1995). Este é o caso do Operário Ferroviário, onde os torcedores fazem da materialidade do seu estádio, o Germano Krüger, um espaço especial, lugar de rituais, cerimônias, paixões, raivas e outros sentimentos que ali emergem e que acabam influenciando na organização do espaço geográfico.

A espacialidade do estádio de futebol ainda metaforiza embates por territórios, pois de acordo com Gomes (2002), o campo de futebol é um território, sendo a partir de seu controle e domínio que uma equipe impõe seu prestígio, superioridade e poder sobre a outra. Mas os espectadores não assistem de maneira passiva essa disputa territorial, se envolvem com ela na metaforização do controle territorial e recriam “arenas de combate” nas arquibancadas:

As bandeiras desenroladas, os gritos de guerra, as músicas, os fogos e os deslocamentos de grupos seguem assim um comando, uma estratégia, ou, para empregar uma terminologia mais próxima da geografia, uma territorialidade. A torcida promove o seu próprio espetáculo e reinventa os conflitos. (GOMES, 2002: 239).

Já o escritor Eduardo Galeano, poetiza sobre a dinâmica dessa territorialidade:

Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio. Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não possui ateus mostra suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada. (GALEANO 2004:14)

Sendo assim, o espaço na nova abordagem cultural em Geografia é sinônimo de espaço vivido. Holzer afirma que “o espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento (...) que se refere ao afetivo, mágico e ao imaginário” (1992: 440). Desse modo, o sujeito que frequenta e vivência as espacialidades geradas pelo Operário

faz desse espaço uma vivência única e peculiar. Portanto, essa espacialidade não pode ser descrita nem quantificada, apenas compreendida.

Por sua vez, Sant´ana (2000) declara que a construção do direito à cidade e a luta pela sua melhoria se dá quando o cidadão constitui uma identidade com a mesma. E essa identificação segundo Fenelon *et. al.* (2004) ocorre quando a memória individual do cidadão se reconhece na memória coletiva de sua cidade, o que causa a sensação de aceitação e participação social, incentivando o exercício da cidadania.

Assim, parte-se da idéia que as cidades não têm apenas a função de reproduzir as condições materiais e econômicas, mas também o de servir como um referencial a identidade cultural e a qualidade de vida, promovendo a cidadania e o direito à cidade dos sujeitos que dela fazem parte. Logo, tornam-se indispensáveis políticas públicas que organizem o espaço urbano levando em consideração à memória coletiva social; lugares de memória; preservação de patrimônios culturais; arborização urbana; e elementos identitários, como pode ser o caso na cidade de Ponta Grossa do Operário Ferroviário.

Com tudo isso, a nova abordagem cultural em Geografia vem procurando compreender os complexos enredos entre a constituição de identidades e os processos socioespaciais (SERVILHA e DOULA, 2009). Interessa a relação entre a identidade dos lugares e os papéis que eles desempenham na formação de consciências individuais e coletivas, assim como a maneira que “pessoas, sujeitos e agentes geográficos recebem e percebem, constroem e reivindicam identidades cristalizadas em suas representações dos lugares e das relações espaciais” (BOSSÉ, 2004:158).

Outro ponto importante a sustentar as bases teóricas desta pesquisa é sobre o futebol, que por muito tempo foi visto como “ópio do povo”. Mas essa visão limitada foi superada por diversos autores, como Campos (2008), Mascarenhas (1999), Gomes (2002), Toledo (2000),

Bento *et. al.* (2009) e Eduardo Galeano (2004). Em suma, eles destacam a importância do futebol para a vida social.

Campos (2008) enfatiza a relevância social do futebol ao salientar que este é um elemento central da cultura brasileira, que acabou colaborando na construção de uma identidade nacional, além de estar presente na vida cotidiana de milhares de habitantes. O autor ainda afirma que o futebol transcende sua qualidade esportiva, tornando-se um importante elemento sociocultural espacial nos países em que é um elemento central na cultura, como é o caso brasileiro (RUGGI e COSTA, 2011), sendo possível e necessário seu estudo pela Geografia.

Pelo futebol ser um campo rico em simbolismos, paixões, afetividades e emoções, muitas vezes o mesmo se tornou um terreno fértil para ações políticas e ideológicas de legitimação não apenas de nações, mas também de regimes ditatoriais (TOMAZETT, 2009). Por outro lado, o futebol também pode soar como bandeira de resistência dos dominados perante os dominadores. Os exemplos de movimentos de resistência de povos se utilizando do futebol são inúmeros, emergindo desde o Irã, à Irlanda, Argélia, Espanha, entre outros. (FOER, 2005).

Desta forma, há de salientar que o futebol não é um simples jogo que tem um fim em si mesmo (BITENCOURT, 2009). Isso porque é mediante o futebol que se constituem identidades que podem até mesmo condicionar nossa relação com o mundo. É através do futebol que torcedores participam de uma espécie de jogo de identidades: inclui-se alguns; excluí-se outros (ALABARCES, 2003). Devido ao fato que o futebol é um elemento central na cultura brasileira e em razão de suas características e complexidade, Bitencourt (2009: 186-187) salienta que o “o futebol, é assim, um dos mais importantes marcadores de nossa identidade”.

Na mesma direção, Damo (1999:93) argumenta que colado à construção da identidade nacional, o futebol “sugere, de um lado, certa vulnerabilidade dessa identidade e, de outro, contradições endêmicas em cuja base residem as diversidades étnicas, regionais e, em dados momentos, raciais”. Sendo assim, o futebol reforça e atualiza as diferenças e valores regionalistas, que abrangem discursos que o transcendem. Logo, a própria identidade do ser pontagrossense pode estar atrelada, em partes, a própria história e representatividade construída e representada pelo Operário Ferroviário.

De tal modo, “o futebol é um produto cultural que tem regras universais, mas recebe um banho do caldo cultural das diferentes regiões, estados e nações onde é praticado” (RODRIGUES, 2005:121). Conseqüentemente, em razão de fatores geográficos, sociais, políticos, históricos, o futebol reflete e reforça, sendo ainda condição e causa, da produção de identidades.

Logo, o futebol além de ter grande magnitude na sociedade contemporânea, é um ativo produtor de espacialidade (CAMPOS, 2008), territórios e disputas territoriais nas cidades (GOMES, 2002). Em dias de partidas de futebol, as cidades passam por uma verdadeira re-territorialização promovida pelos torcedores. O espaço urbano torna-se objeto de apropriação das torcidas. Unidos em grupos, os torcedores tendem a não respeitar as ordens vigentes, ocasionando uma disputa territorial pelo espaço urbano, principalmente quando na cidade se tem dois clubes rivais (LOUZADA, 2011). Por conta do futebol, a cidade passa a participar do circuito simbólico do futebol, sobreposta pela geopolítica das rivalidades (GOMES 2002).

Já Campos (2008) propõem o conceito de espaço de representação do futebol. Embasado em leituras de Lefebvre (1991) e Gil Filho (2005), Campos salienta que o espaço é formado e produzido por três instâncias, coexistentes e interdependentes, denominada dialética do espaço: prática espacial, representação do espaço e espaço de representação. O futebol estaria mais ligado ao espaço de representação, já que este corresponde à instância

simbólica da espacialidade onde o ser humano se autoapresenta a fim de buscar seu prazer e autenticidade, sendo ligado às artes e manifestações culturais. Sendo assim, o estádio Germano Krüger em dias de jogos do Operário pode ser considerado um espaço de representação.

Para ganhar os quatro cantos do planeta o futebol cumpriu uma complexa difusão espacial. E para a essa propagação, as ferrovias tiveram papel crucial. Junto com os engenheiros, ferroviários e outros trabalhadores ingleses que vieram ao Brasil ajudar na construção de linhas férreas, estes traziam consigo vários elementos de sua cultura, entre eles o futebol (SANTOS, 2011). Estes estrangeiros foram os primeiros a formar equipes locais e praticar o novo esporte, que era visto, muitas vezes, pela população tradicional como um “um jogo de loucos” (GALEANO, 2004:35). Mas não demorou muito e o contágio não se fez esperar, principalmente nas cidades onde se vivia um ambiente cosmopolita. No começo, “o envolvimento popular era mais pela via de espectador”, mas com o passar do tempo, “a população em geral já assimilava de forma mais intensificada a experiência do esporte” (SANTOS, 2011:2). Logo, o futebol caiu no gosto popular, ganhando traços e contribuições únicas da cultura brasileira.

2. Metodologia

Esta pesquisa se caracteriza como pesquisa-ação (MELO NETO, 2000). Desta maneira, procurou-se uma convivência próxima com o objeto desse estudo, através da participação à torcidas organizadas do clube, excursão a jogos em outras cidades e observações em dias de jogos junto a torcedores, entre outras ações. Estas iniciativas possibilitaram uma interpretação qualitativa da realidade pesquisada, ao passo que se adentrou no espaço vivido (CLAVAL 2002) dos sujeitos relacionados ao Operário Ferroviário.

Já para a coleta de dados, utilizou-se: a) questionário aplicado a simpatizantes (N=88) do clube com perguntas abertas e fechadas; b) Entrevistas semi-estruturadas com 7 sujeitos para obtenção de informações, narrativas e história oral (CASSAB, 2005) sobre o Operário. Para escolha das pessoas entrevistadas priorizou-se às que tiveram relação chave com o Operário no passado, ou seja, torcedores fiéis, ex-diretores e ex-jogadores, c) Recolhimento em sites de relacionamentos sociais de depoimentos de internautas sobre o Operário Ferroviário; d) Pesquisas bibliográficas sobre a história do Futebol em Ponta Grossa e no Paraná.

Finalmente, esta pesquisa pretendeu investigar um aspecto pouco explorado sobre o Operário ou sobre a história do futebol em geral. Assim, priorizou-se uma análise sobre o prisma cultural, compreendendo a representatividade, as memórias, as narrativas e a força socioespacial que o Operário acumulou ao longo de sua história, influenciando a organização do espaço urbano da cidade de Ponta Grossa. Para dados sobre as conquistas e outras informações históricas sobre o Operário, pode-se consultar Ribeiro Júnior (2002 e 2004).

3.A constituição de identidades e símbolos em torno do Operário Ferroviário

3.1 Operário: um símbolo que se espacializou e resistiu ao tempo

O Operário é um símbolo que se espacializou e resistiu ao tempo por mais de cem anos, permeando o cotidiano dos cidadãos pontagrossenses. Durante todo este tempo, o clube acumulou diversos simbolismos perante distintos grupos sociais, assim como inúmeras histórias, narrativas e memórias na vida de inúmeras pessoas.

No início do século XX, o futebol em Ponta Grossa exerceu influência determinante ao possibilitar que a cidade vivesse um clima urbano mais agitado e ganhasse características de cidade “moderna”. Inicialmente praticado pela elite local, não demorou muito para o futebol cair no gosto popular. De tal modo, diversos segmentos da sociedade – trabalhadores ferroviários, imigrantes recém-chegados, comerciantes, *etc.* – se apropriaram do futebol e

fundaram clubes para representá-los (CHAVES, 2001). Assim, no ano de 1912, alguns trabalhadores ferroviários que trabalhavam nos escritórios e oficinas da Rede Viação Paraná - Santa Catarina, em Vila Oficinas, fundaram o Operário Sport Club (como era chamado na época).

O novo clube nasceu com simbolismos. O nome, a data de fundação, as cores, o uniforme e o escudo do clube foram impregnados de significados, o que Corrêa (2007) denomina de toponímia. Logo, o nome e a data da fundação marcaram o clube para ser uma bandeira dos operários (a data de fundação ficou convencionada para o dia primeiro de maio, por ser a “Data Universal do Operário”) (FIGURA 01). Já a escolha das cores do clube (preto e o branco) foi um tributo tanto à população negra quanto a branca e se deu para tentar mostrar que o Operário era uma equipe desprovida de preconceitos. Vale lembrar ainda, que a partir do ano de 1931, após uma suposta fusão com o Ferroviário (clube formado por trabalhadores ferroviários de Ponta Grossa), o clube em tela passou-se a chamar Operário Ferroviário Esporte Clube, homenageando igualmente a classe que o fundou: os ferroviários.



Figura 1: Operário Ferroviário: Símbolo do povo da classe trabalhadora. (Montagem feita por torcedores). 2010.
Fonte: os autores.

Uma peculiaridade que pode ser vista a partir do olhar do presente sobre os primeiros anos da história do Operário, era a extrapolação da espacialidade urbana que ocorria na cidade em dias de jogos. A espacialidade de Ponta Grossa era interdita e várias atrações culturais se intercalavam. Ribeiro Júnior lembra que:

Os jogadores (...) iam perfilados do hotel até o campo, (...), com banda de música e tudo, e a banda Lyra dos Campos ia tocando e vinha acompanhando, marchando e desfilando junto com as duas equipes, era interessante viu! E daí depois... às vezes eles iam de trem, eles pegavam o trem aqui e desciam lá nas oficinas (...). O futebol era animado naquela época viu! (Ribeiro Júnior, entrevista, junho de 2010).

É do começo do século XX também que surgiu o apelido de “fantasma” ao Operário, o qual se tornou um dos principais folclores da cidade. Este apelido surgiu, de acordo com a imprensa da época, em razão das dificuldades que as equipes da capital Curitiba tinham em derrotar o Operário em Ponta Grossa. Dessa forma, a imprensa curitibana da época alegava que isso só poderia ser obra de “fantasmas” (RIBEIRO JÚNIOR, 2002).

Essa lenda do “fantasma” embasa diversas narrativas, sendo uma das identidades que o torcedor operariano e o cidadão pontagrossense se orgulham (FIGURA 2). Inclusive, uma das torcidas organizadas operariana chama-se “Trem Fantasma”. A mascote aparece ainda em diversas músicas que a torcida canta no estádio. Além disso, é comum em dias de jogos do Operário Ferroviário observar inúmeros torcedores que vão fantasiados de fantasmas. Esse mito de fantasma até hoje é evocado pelo torcedor operariano, como pode ser visto no relato abaixo de um torcedor após o Operário vencer uma equipe da capital paranaense:

Todos, sem exceção deram o sangue para mostrar que o Interior ainda é forte, ainda pode engrossar o caldo dos times da capital. Agora o sentido da palavra fantasma mais do que nunca faz sentido prá mim e prá muitos Operarianos. O time jogou muito, confesso que me emocionei ao ver o 2º gol do nosso Glorioso Alvinegro... (...) Vendo a arrogância de torcedores da capital, que apostavam em goleada hoje, mais do que nunca, torço prá que esses times da capital morram na praia, caiam prá série B! Sempre desvalorizaram os times do Interior! Engrossamos o caldo deles (Willian Uczak, declaração no orkut após o jogo entre Operário e Atlético-PR válido pelo campeonato paranaense de 2010, abril de 2010).



Figura 2: O fantasma, mascote do Operário. Alguns torcedores representam o fantasma com aspecto “aterrorizante” em vista de intimidar e horrorizar adversários. Fonte: Futebol Paranaense. net (2010).

Assim sendo, no começo do século XX o Operário ganhou vários títulos nos campeonatos amadores da cidade. Contudo, há de se salientar sobre os clássicos entre o Operário e Guarani, considerado um dos momentos mais marcantes da história do futebol em Ponta Grossa e que ainda está presente na memória daqueles que viveram na cidade naquela época.

3.2 O Clássico Ope-Guá: Uma arena de combate teatral da luta de classes em Ponta Grossa

Nos dias de jogos entre o Operário Ferroviário – o fantasminha – versus o Guarani – representado pelo mascote do índio bugre – havia quase um clima de guerra na cidade, que se transformava em uma “arena de combate” (GOMES 2002). Especialmente porque as equipes e suas torcidas representavam e teatralizavam uma “luta de classes” em Ponta Grossa. Pode se dizer que este clássico é um dos eventos culturais mais representativos da história da cidade. (FIGURA 3).



Figura 3: Charge feita em homenagem ao título de Campeão Pontagrossense conquistado pelo Operário em 1952, que mostra o fantasma quebrando a flecha do mascote do Guarani, o índio bugre. Fonte: Casa da memória do Paraná.

Isso tudo porque desde o princípio as duas equipes foram estereotipadas: o Operário Ferroviário representava o trabalhador ferroviário, o operário em geral e tinha a simpatia das classes mais simples, sendo sua torcida chamada de “graxeiros” (em alusão ao trabalho pesado que os trabalhadores ferroviários e alguns jogadores do time realizavam nas oficinas da ferrovia); já o Guarani era o clube da aristocracia de Ponta Grossa e tinha a preferência da elite e dos comerciantes locais, sendo sua torcida conhecida como “pó de arroz”, em função do caráter elitista e branco que a equipe possuía. (CHAVES, 2001).

E o pessoal sempre disse que o Guarani era o time do pó de arroz das classes mais ricas, as famílias tradicionais da época (...). Já o Operário era o time da gente que trabalha na rede (RFFSA) que era mais humilde... (Jorge Carneiro, torcedor do Operário, entrevista junho de 2010).

O estado de espírito do clássico era significativo, sendo que nos dias que antecediam o encontro entre os “graxeiros” versus os “Pó de arroz” a espacialidade urbana era interdita em prol do “Ope-Guá”. Inclusive, as instituições econômicas e comerciais por vezes paravam

por conta do referido clássico. É nítida a emoção e a saudade nas falas abaixo que expressam a importância que teve este clássico para a identidade da cidade de Ponta Grossa:

Nossa rapaz, a cidade parava. Lotava! Quando tinha jogo ali no Guarani ou quando era mando do campo do Operário... Lotava... lotava demais!. Como naquele dia que choveu no domingo e transferiram o jogo para quarta feira e nisso quase todas as firmas cancelaram e dispensaram os funcionários para virem assistir ao jogo. Eu tinha uns 15 anos e trabalhava na loja do Cozarte, e a firma dispensei todo mundo para verem o jogo. (...). A cidade inteira parou, todo mundo: O comércio, as lojas, as firmas... tudo pra ver o jogo do Ope-Guá! Tudo isso porque a briga e a rivalidade Ope-Guá era muito grande! (Jorge Carneiro, entrevista, junho de 2010).

Quando tinha o jogo do Operário, e principalmente quando era contra o Guarani, desde o sábado já tinha carreatas pelas ruas preparando o clima para o jogo. Já no domingo de manhã era uma correria para tudo quanto é lado de bandeiras e tudo mais. Nossa Senhora! Até a hora do jogo ficavam correndo pela cidade e os carros buzinando e aquela coisa assim. (...), até à Cavalhada tinha pessoal com bandeira (...) fazendo a festa. Era muito mais festa do que agora! Mas muito, muito mais do que agora! (...) Meu Deus do céu! E aquele barulheiro na cidade! Não lembrava fazia tempo mais dessas coisas assim sabe, dos tempos de solteira; parece que a gente tá vivendo aquilo sabe... Incrível! (Appônia, torcedora do Guarani, entrevista junho de 2010).

Por fim, ainda se destaca a amplitude do clássico para a cidade de Ponta Grossa, pois este modificou e criou inúmeras espacialidades e territórios no espaço urbano da cidade. Assim os espaços de representações criados pelo clássico Ope-Guá dividiam ruas, vagões de trem e produziam inúmeras relações sociais caracterizadas, ocasionando em seus atores a constituição de identidades. As ruas se transformavam em verdadeiros palcos, onde as torcidas rivais teatralizavam e (re) territorializavam embates por territórios (GOMES, 2002), sobrepondo o espaço urbano de geopolítica:

Na Rua XV de Novembro, a artéria principal de nossa cidade, estava o reduto de ambas as torcidas. Do lado direito (...) ficava o bar e restaurante King, onde se concentrava a torcida do Operário, a “torcida fantasmilha”. E do lado esquerdo, (...), existia o bar e restaurante Maracanã, propriedade do Jamilã, figura folclórica, que era o reduto da torcida bugrina. E era um na frente da outra os bares, mas as torcidas não se misturavam! Uma não podia atravessar a rua porque aquilo seria motivo de ofensa e atrito. E Aquilo era um ponto folclórico, aonde marcou muito a existência da nossa cidade naquela época. (Rosinha, ex-jogador do Operário e do Guarani, transcrição do documentário “Ope-Guá”, 2005).

Existem relatos que em jogos no Germano Krüger, que para a época era em um local distante, a RFFSA disponibilizava vagões para o transporte dos torcedores da estação central para o estádio, sendo esses vagões divididos entre as torcidas do Guarani e do Operário. Essas torcidas embarcavam e voltavam juntas, em vagões distintos. (Marcus Vinicius, questionário, maio de 2010).

Porém, durante a década de 1970 o Guarani devido a diversos problemas internos e financeiros acabou abandonando o futebol profissional e dando um fim temporário nos Ope-Guá. Foi unanimidade nas falas dos entrevistados o sentimento de perda cultural que deixou o fim deste clássico: “Depois do Ope-Guá apagou muito a cidade... deixou um vazio muito grande...” (Luiz Nicolau Correia, ex-diretor e ex-jogador do Guarani, transcrição do documentário “Ope-Guá”, 2005).

3.3 Profissionalismo e dificuldades: a caminhada do Operário no cenário regional e nacional

Após a década de 1950 o Operário passou a figurar entre as principais esquadras profissionais do Paraná e passou a disputar a liga profissional de Curitiba, que passou a ser oficialmente chamada de Campeonato Paranaense. Nesse período, a equipe teve altos e baixos. Entre as principais conquistas que os torcedores citam estão: o título do campeonato do centenário de 1953; do campeonato da Zona Sul de 1961; e da divisão de acesso de 1969; além da participação no torneio da legalidade em 1961; e também de diversas vitórias e partidas memoráveis contra os times da capital ou contra algumas das principais equipes brasileiras da época. Mais uma vez, é destaque a extrapolação espacial que o espaço urbano da cidade vivia em dias de vitórias e títulos do Operário Ferroviário:

A cidade pegou fogo, assumindo características carnavalescas. A população (...) invadiu as ruas enfrentando o cortante frio da noite, tomando as ruas centrais (...). De um instante para outro a população fez com que o trânsito central congestionasse. Bandeiras alvinegras tremulavam e espocavam fogos por todos os lados, ante o ensurdecedor barulho das buzinas dos carros. O povo dava vivas ao “fantasma” (...). Os abraços se confundiam naquele ambiente de festa e alegria, entre sorrisos e lágrimas. Faixas foram improvisadas e entre fogos e businas de automóveis, a festa, apesar do frio intenso, atravessou toda à noite. Quase todas as janelas abriram-se para exaltar a imensa legião de torcedores que festejavam pelas ruas a conquista do título inédito. (RIBEIRO JÚNIOR, 2002:214).

No entanto, o Operário ao longo de sua história enfrentou diversas crises e dificuldades. Inclusive, em 1970 o Operário pediu afastamento do Campeonato Paranaense e foi substituído por outro clube na cidade, a Associação Pontagrossense de Desportos. Porém,

o fracasso dessa nova agremiação corrobora outro fato: os torcedores em geral, e em Ponta Grossa em especial, não querem apenas um time de futebol profissional objetivo e racional, e sim um clube com simbolismos, história e tradição: “Não deu certo, não adianta, fazer Ponta Grossa, Pontagrossense, seja lê que outro time, não adianta! (Falas com convicção e orgulho), tem que ser Operário!” (Jorge Carneiro, entrevista, junho de 2010).

De tal modo as campanhas pela volta do Operário se intensificaram, até que em 1974 o clube voltou ao profissionalismo. E desde lá, a equipe chegou a disputar campeonatos nacionais (1º e 2º divisão) como atravessou períodos difíceis. Porém, esses momentos difíceis em vez de diminuir a identidade do torcedor, por muitas vezes a multiplicou. Logo, o torcedor operariano tem o orgulho de ser estigmatizado como “sofredor”.

Ser operariano é ser sofredor! Se o nosso time se chamasse “*Patrão Futebol Clube*” ou “*Engenheiro não sei o que*”, duvido que sofreríamos tanto, mas como é *Operário Ferroviário*, tudo é mais difícil pra nós, mas quando é mais difícil também é mais gostoso... (Diego, retirado do orkut, maio de 2010, Grifo nosso).

Na década de 1990, após participações a nível nacional e estadual, a equipe entrou em declínio em 1994 e em virtude de crises financeiras, pediu afastamento. O Ponta Grossa Esporte Clube tentou substituí-lo, mas novamente a cidade de Ponta Grossa não o acolheu. O Operário só voltou à atividade no ano de 2004 quando novas histórias foram inscritas no espaço urbano de Ponta Grossa. Mas antes se irá mostrar outro motivo pelo qual a referida agremiação torna-se um referencial a identidade do torcedor e da cidade de Ponta Grossa-PR: por sua ligação com o patrimônio cultural ferroviário.

3.4 O Operário Ferroviário e o patrimônio cultural ferroviário

A ferrovia é um patrimônio cultural do Brasil e da região dos Campos Gerais² (MONASTIRSKY, 2006). Isso porque a ferrovia teve importância econômica, social, cultural; participação na integração territorial e na organização do espaço urbano; representatividade simbólica e mitificação perante o imaginário social; e está presente na memória de muitos indivíduos que viveram os anos “*áureos*” da ferrovia. Todavia, este

patrimônio cultural sofre descaso de diversas instâncias da sociedade e muito dele já foi perdido.

Entretanto, o Operário Ferroviário, que é uma das heranças da ferrovia, continua presente no seio das relações sociais de Ponta Grossa. Este carrega simbolismos e identidades para aqueles que viveram os anos “áureos” das estradas de ferro na região:

A cidade de Ponta Grossa só cresceu por causa da ferrovia. (...) Daí você pega um time com esse nome, Operário Ferroviário, e a história que o clube tem, e ainda mais que já tiraram os trilhos da cidade e o prefeito queria até demolir as estações, imagina só que sacanagem seria! E se não cuida perde também essa que é uma das últimas coisas que ainda lembra a ferrovia, o nome do Operário Ferroviário, o nome de uma das torcidas que é trem fantasma e outras coisas pela qual o Operário faz lembrar os trens, o próprio nome do bairro Oficinas. (...) Por isso acho que não pode mudar o nome. Tem que manter a identidade para os mais novos souberem da importância que tiveram os trens aqui na cidade... (Márcia Saab, Entrevista, junho de 2010).

Ao se perguntar através do questionário se o Operário lembra ferrovia, 80% das respostas declaravam que sim. Isso porque o clube carrega junto a si inúmeros traços e lembranças relativas à ferrovia e aos trens. São narrativas, lendas, folclores, o nome de uma de suas torcidas (Trem Fantasma), sua localização (situado no bairro de Oficinas – originalmente ferroviário – e ao lado das oficinas de trem da América Latina Logística), gritos de guerra no estádio, símbolos, etc. Inclusive, durante a década de 1960, alguns torcedores chegaram a equipar uma caminhonete de “trem fantasma” que apitava, soltava fumaça e desfilava antes dos jogos e após as vitórias e conquistas do Operário Ferroviário, que se tornou folclórica na cidade (FIGURA 4).



Figura 4: Carro alegórico “trem fantasma”. Pertencente a um torcedor do Operário Ferroviário da década de 1960, representa uma Maria Fumaça. Esta foto destaca como o Operário pode ser uma das heranças da ferrovia nos dias atuais em Ponta Grossa. Fonte: Ribeiro Junior. (2002).

3.5 Manifestações culturais peculiares intrínsecos ao Operário Ferroviário

A pesquisa também evidenciou que o Operário Ferroviário ainda possui intrínseco a ele, inúmeras manifestações culturais peculiares. Isso tudo porque o estádio Germano Krüger em dias de jogos do Operário se configura como um espaço de representação. Dele emergem diversas manifestações culturais peculiares, combinando diversidade social e cultural entre as pessoas que o freqüentam, tirando estas da cotidianidade e servindo de referencial à suas identidades. Deste modo, os torcedores não vão ao estádio apenas para ver o jogo. A própria platéia torna-se o espetáculo e o estádio torna-se um caldeirão de riqueza cultural, sendo apenas lá que insurgem certas manifestações e performances culturais ou folclóricas características. (GALEANO, 2004).

Entre estas performances cita-se: Ofender os árbitros, provocar os jogadores adversários, cutucar o próprio time do Operário quando este está jogando mal, contar piadas,

criar paródias ou músicas criativas, cantar e gritar coisas engraçadas, produzir desenhos ou montagens personalizadas sobre o clube, fazer rir, ir fantasiado ao estádio, etc.

Outro elemento de destaque é a sonoplastia aliada à criatividade que surge no estádio. Há músicas ensaiadas quando o Operário faz o gol, quando derrota algum adversário, quando o time esta jogando mal, etc. Também se observa diversas músicas criativas compostas pelos torcedores. Como no caso da morte do astro Michael Jackson em 2009, que virou manchete em todos os jornais e era o assunto mais comentado do momento. Então o torcedor operariano resolver fazer uma música relacionando a vida do rei do pop com a história e identidade do Operário Ferroviário. Alguns torcedores da Torcida organizada Fúria Jovem inclusive iam fantasiados ao estádio de “Michael Jackson Operariano” (FIGURA 5 e 6).

Nasceu preto!
Morreu branco!
Agora é Fantasma
Michael Jackson Operariano!

(Música “Michael Jackson Operariano” da torcida organizada do Operário “Fúria Jovem”, cantada no estádio durante 2009. Nos versos, o preto e o branco fazem alusão às cirurgias plásticas que o cantor passou relacionando com as cores do Operário Ferroviário. Já o fantasma, relaciona a morte de Michael Jackson com a mascote da equipe.)



Figura 5: O Michael Jackson Operariano. Membro da torcida Fúria Jovem Operariana se fantasia e diverte torcedores nas gerais do Germano Krüger. Fonte: Arquivo do autor (2009).



Figura 6: A canção fez sucesso e motivou vários torcedores a produzir montagens e a postar em suas páginas de relacionamento social na internet. Fonte: Página do *Orkut* de Rafa Guima (2009).

Os torcedores folclóricos são outra atração à parte no estádio. Alguns são conhecidos também como “moiados” e são a diversão e motivo de risos de muitos torcedores. Outros ficam gritando e contando piadas no meio da torcida. Há ainda aqueles que vão fantasiados ao Germano Krüger e se passam por personagens e verdadeiros atores extrapolando a

espacialidade. As figuras folclóricas configuram-se como verdadeiras “atrações culturais” e viram referência quando o assunto é Operário, como o caso do “Paulão”, o “Padre Roque operariano”, o “Stallone Operariano” e inúmeros outros.

3.6. Importância atual do Operário para Ponta Grossa

Após dez anos de licença, o Operário voltou ao profissionalismo em 2004. Por cinco anos seguidos (2004-2008) o Operário Ferroviário fracassou na promoção a elite do futebol do Paraná. Entretanto, em 2009 o clube conseguiu o acesso. De acordo com alguns torcedores, esse “foi um dia inesquecível”. Novamente, a espacialidade da área central de Ponta Grossa foi extrapolada e invadida por centenas de torcedores (FIGURA 7), como conta Diomar Guimarães:

Mas isso que aconteceu agora, ano passado no dia que o Operário voltou a Série A do paranaense, foi marcante! Isso nunca tinha acontecido na história de Ponta Grossa, foi marcante.... Debaixo de Chuva e o pessoal pulando e gritando, Ponta Grossa unida ali na rua por uma causa, foi emocionante aquilo... E hoje criou-se esse estigma em torno do Operário. Essa paixão aflorou de um modo mais forte e as comemorações são maiores, como a do ano passado que chovendo (...) coisa de louco aquilo, jamais vista... (Risos). (Diomar Guimarães, entrevista julho de 2010).



Figura 7: Torcedor invade o campo na comemoração do acesso em 2009. Foto: Lucas Moro (2009).

Além disso, o torcedor não se conforma de ver sua cidade perder para “cidades menores” que possuem um clube profissional em divisões mais elevadas. Com isso, ele sonha em um dia que o Operário chegue longe para melhor representar Ponta Grossa no cenário esportivo nacional e a eleve na “hierarquia das cidades”:

É uma vergonha Irati, que é uma cidade muito menor, ter um time na primeira divisão e Ponta Grossa com o tamanho que tem não estar lá também. (Marcos Souza, comentário no *Orkut* feito em 2009 quando o Operário ainda estava na divisão de acesso).

É importante o Operário estar na primeira divisão para dar visibilidade para a cidade e também para termos respeito das outras cidades, não só no Paraná mais no Brasil inteiro. (Jean Saulo Ditzel, questionário, maio de 2010).

Portanto, é através do Operário Ferroviário Esporte Clube que muitos cidadãos pontagrossense se sentem representados. O Operário representa o cidadão e o cidadão se sente representado por ele e todo o simbolismo que cerca a agremiação. Sendo assim, o Operário é um marco identitário ao cidadão pontagrossense, tendo valor cultural histórico e mnemônico, como sendo de valor atualmente para a identidade pontagrossense.

Considerações finais

Eis o Operário Ferroviário Esporte Clube, clube que nasceu dos ferroviários e que aos tornou-se um marco identitário a toda cidade de Ponta Grossa-PR. Ele acaba por unir os cidadãos pontagrossense em torno de uma base cultural comum, fazendo com que as pessoas se identifiquem com a cultura pontagrossense e passem a lutar por sua cidade.

O Operário ao longo de um século acumulou diversos traços culturais peculiares. Foram diversas as modificações sociais, espaciais e culturais que o clube gerou no cotidiano de Ponta Grossa durante todo este tempo. Assim, pensa-se não haver controvérsias quanto à afirmação que o Operário Ferroviário gera uma espacialidade (espaço de representação do futebol) própria que podemos denominar de espaço de representação do Operário.

Desta maneira, o Operário Ferroviário é mais que um clube de futebol. Ele é um símbolo formador de espacialidades e territorialidades, que acaba por ocasionar marcas identitárias, individualizando o espaço geográfico. Assim, o Operário Ferroviário constitui um importante elemento no processo de criação e manutenção da identidade do “ser pontagrossense”.

Referências

- ALABARCES, Pablo (Org.). 2003. *Futbologías: fútbol, identidad, y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso.
- BENTO, Ricardo Ribeiro; MATTA, Marcelo; BASÍLIO, Sérgio; SIQUEIRA, André Luis Amâncio; PAULA, Deivid Rogério de. 2009. Escolas de futebol: projeto social, futebol e dimensões dos conteúdos. *Esporte e Sociedade*. Niterói-RJ, ano 4, n.11, mar./jul.: 1-22. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1106.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2011.
- BITENCOURT, Fernando Gonçalves. 2009. Esboço sobre algumas implicações do futebol e da Copa do Mundo para o Brasil: identidade e ritos de autoridade. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 30, n. 3, maio: 173-189. Disponível em: <<http://cbce.tempsite.ws/revista/index.php/RBCE/article/viewArticle/541>>. Acesso em 21 mar. 2012.
- BOSSÉ, Mathias Le. 2004. As questões de identidade em geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro, EdUERJ. p. 157 – 179.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. 2008. Geografia e futebol? Espaço de representação do futebol e rede sócio-espacial do futebol. *Terr@Plural*. Ponta Grossa, 2 (2): 249-265, jul./dez. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/view/1178/890>>. Acesso em 27 out. 2009.

CASSAB, Latif A. 2005. História Oral: miúdas considerações para a pesquisa em Serviço Social. *Serviço Social em Revista*, Londrina-PR, v. 5, p. 5/2, jan./jun. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/c_v5n2_latif.htm>. Acesso em 10 jan. 2010.

CHAVES, Niltonci Batista (Org.). 2001. *Visões de Ponta Grossa*. Ponta Grossa: UEPG.

CLAVAL, Paul. 2002. *A Geografia Cultural*. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: UFSC.

CORRÊA, Roberto Lobato. 1995. A dimensão cultural do espaço: Alguns temas. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, UERJ, ano 1, out. Disponível em: <<http://www.nepec.com.br/2lobato.pdf>>. Acesso em 08 out. 2009.

_____. 2007. Formas simbólicas e espaço: Algumas considerações. *Aurora Geography Journal*, v.1, p.11-19, Disponível em: <www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/download/212/204>. Acesso em 10 abr. 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL Zeny. (Orgs). 2003. *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

DAMO, Arlei Sander. 1999. Ah! Eu Sou Gaúcho! O Nacional e o Regional no Futebol Brasileiro. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, FGV, v.13, n.23: 87-117. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2085>>. Acesso em 21 mar. 2012.

FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). 2004. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho D'Água.

FOER, Franklin. 2005. *Como o futebol explica o mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

GALEANO, Eduardo. 2004. *Futebol ao sol e à sombra*. Tradução de Maria do Carmo Brito e Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM Editores.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. 2005. Geografia da Religião: O sagrado como representação. *Terra Livre*, Goiânia, v. 24, 119-133, jan./jul. Disponível em <http://www.agb.org.br/files/TL_N24.pdf>. Acesso em 25 dez. 2009.

GOMES, Paulo César da Costa. 2002. O futebol e sua dimensão estética: Entre a geopolítica da bola e a geopolítica dos torcedores. *In: A condição urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

HOLZER, Werther. 1992. *A Geografia Humanista: sua trajetória de 1950 a 1990*. Dissertação (Mestrado em geografia). Departamento de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

IBGE. 2010. *Censo Populacional 2010*. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 11 dez. de 2011.

LEFÉBVRE, Henry. 1991. *The production of space*. Oxford: Blackwell.

LOUZADA, Roberto. 2011. Identidade e Rivalidade entre os Torcedores de Futebol da Cidade de São Paulo. *Esporte e Sociedade*. Niterói-RJ, ano 6, n.17, mar./ago.: 1-28. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1708.pdf>>. Acesso em 9 dez. 2011.

MASCARENHAS, Gilmar de Jesus. 1999. À Geografia dos esportes. Uma introdução. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, Barcelona, nº 35, mar. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-35.htm>>. Acesso em 10 jan. 2010.

MELO, Mario Sérgio de; MORO, Rosemeri S.; GUIMARÃES, Gilson Burigo. 2007. *Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná*. Ponta Grossa: Editora UEPG: 17-21.

MELO NETO, José Francisco de. 2000. *Pesquisa-ação: aspectos práticos da pesquisa-ação nos movimentos sociais populares e em extensão popular*. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao_academica/artigos/pa_a_pesquisa_acao.pdf>. Acesso em 10 dez. 2009.

MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. 2006. *Ferrovias: Patrimônio Cultural – Estudo sobre a ferrovia brasileira a partir da região dos Campos Gerais (PR)*. 190 p. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<http://tede.ufsc.br/teses/PGCN0292.pdf>>. Acesso em 15 de set. 2009.

OPE-GUÁ: Um estado de espírito. 2004. Direção de Niltonci Batista Chaves. Produção da Universidade Livre dos Campos Gerais e do Departamento de História da UEPG. Ponta Grossa-PR, 1 DVD (30 min.). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=FSn3CvOL5sc>>. Acesso em 25 de jul. 2010.

RIBEIRO JÚNIOR, José Cação. 2002. *Operário o fantasma da vila*. Ponta Grossa: UEPG.

_____. 2004. *Futebol ponta-grossense: Recortes da História*. Ponta Grossa: UEPG.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. 2005. Pierre Bourdieu: esquema analítico e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. *Sociedade e Cultura*, v. 8, n. 1, Jan./Jun: 111-125. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/999>>. Acesso em 21 mar. de 2012.

RUGGI, Lennita Oliveira; COSTA, Hilton. 2011. Gooooooooool: Notas sobre mitologias futebolísticas no Brasil e na Argentina. *Esporte e Sociedade*. Niterói-RJ, ano 6, n.18, set.: 1-21. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1804.pdf>>. Acesso em 9 dez. 2011.

SANT´ANA, Marco Aurélio. 2000. Memória, cidade e cidadania. In: COSTA, Icléia Thiesen Magalhães; GONDAR, Jô (Orgs.). *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7 letras.

SANTOS, Edvander Ramalho dos. 2010. *Operário Ferroviário Esporte Clube: Patrimônio cultural da cidade de Ponta Grossa*. 141 p. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa-PR. Disponível em <<http://operario.com/wp-content/uploads/2010/11/operariopatrimonioculturalpg.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

SANTOS, Henrique Sena dos. 2011. Notas sobre a popularização do futebol em Salvador, 1901 – 1912. *Esporte e Sociedade*. Niterói-RJ, ano 6, n.16, nov. 2010/fev. 2011: 1-30. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1607.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2011.

SERVILHA, Mateus de Moraes; DOULA, Sheila Maria. 2009. O vale (en)cantado: música, identidade e espaço no Jequitinhonha. In: SEMINÁRIO VISÕES DO VALE, 4, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Programa Pólo de Integração da UFMG no vale do Jequitinhonha. Disponível em: <http://www.ufmg.br/polojequitinhonha/arquivos/pdfs/vale_encantado_musica.pdf>. Acesso em 26 mar. 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. 2002. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp.

TOMAZETT, Luciano de Castro. 2009. A paixão pelo futebol e a construção de uma nova identidade: indústria cultural excita, Freud explica. *Esporte e Sociedade*. Niterói-RJ, ano 4, n.11, mar./jul.: 1-23. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1107.pdf>>. Acesso em 9 dez. 2011.

Notas

¹ Este trabalho é resultado de um trabalho de conclusão de curso apresentada no final do ano de 2010 no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa intitulado “Operário Ferroviário Esporte Clube: Patrimônio Cultural da cidade de Ponta Grossa” (SANTOS 2010).

² A delimitação da região dos Campos Gerais é definida segundo alguns critérios de acordo com Melo *et. al* (2007): a) Por apresentar uma identidade histórica e cultural, que remonta ao tropeirismo; b) Por ser uma zona fitogeográfica natural com campos limpos e capões isolados de Floresta Ombrófila Mista na borda do 2º planalto paranaense; c) Por ser a área de abrangência dos municípios da Associação dos Municípios dos Campos Gerais